

POR UMA ARQUEOLOGIA EGÍPCIA MAIS “AQUÁTICA”

Márcia Jamille Nascimento Costaⁱ

Resumo: Embora o Egito antigo tenha sido uma civilização fluvial a Arqueologia realizada no país tende a tratar os objetos relacionados com o ambiente aquático como artefatos de segunda ordem. Para tal, este artigo mostra alguns dos aspectos mais marcantes destas antigas comunidades que demonstram que a água durante o faraônico foi mais do que um espaço para a captação de recursos e deve receber um olhar mais zeloso da Arqueologia.

Palavras-chave: Arqueologia Egípcia; Arqueologia de Ambientes Aquáticos; mitologia.

Abstract: Even though Ancient Egypt was a fluvial civilization, the Archeology executed in the country leans in the direction of treating objects related to aquatic environment as second-order artifacts. For such, this paper shows some of the most remarkable aspects of these ancient communities that show that water during the Pharaonic was more than just a space of resource catchment and should receive a more careful look from Archeology.

Keywords: Egyptian Archeology; Aquatic Environment Archeology; mythology.

“Esta é a libação trazida de Abydos, que veio da região do Mar de Hórus. Que você beba ela, que possa você viver por meio dela, que possa ser o seu coração ser o som por meio dela, a água divina para [preencher?] seu altar [com] a libação que eu gosto”.

Templo de Edfou IV (POO, 2010: 4-5; tradução nossa).

Os ambientes aquáticos da perspectiva arqueológica

O patrimônio arqueológico subaquático, igualmente aos artefatos relacionados de alguma forma com a água, tais como embarcações sepultadas em terra, representações da vida aquática em edifícios ou artefatos, é de grande importância para a informação histórica das comunidades às quais eles pertenceram, uma vez que são fontes de informações necessárias para entender aspectos culturais.

O estudo do ambiente aquático tem sido de interesse de diferentes disciplinas, desde Biologia até Antropologia. Entretanto, no que diz respeito à

Arqueologia, principalmente no Egito, ainda há muito a se debater em termos de como gerir os artefatos encontrados tanto em superfície, como espaços submersos. É possível, por exemplo, notar ainda a ausência de diálogo entre os especialistas da Arqueologia subaquática e/ou marítima com os próprios colegas da Arqueologia de outras áreas; os quais, não raramente, possuem uma visão “agrocêntrica” do passado, apesar da civilização egípcia ter sido fluvial. Explicando de forma simples, em relação à Arqueologia subaquática, ainda existe a visão de que ela se trata de uma prática de resgate do que “estava perdido”, exercida por mergulhadores aventureiros. Algo que não condiz com a realidade, já que a Arqueologia subaquática deve ser praticada por arqueólogos com certificado de mergulho autônomo e especializados em pesquisas arqueológicas submersas (RAMBELLI, 2002: 32-3). Já com a Arqueologia Marítima, muitos acadêmicos desconsideram os artefatos com alguma associação com o ambiente aquático, como embarcações em pictografias, modelos de barcos e as embarcações propriamente ditas, sepultadas nas necrópoles, como parte das pesquisas desta disciplina (BLOT, 1999: 45; KHALIL, 2008: 86); que, apesar da palavra “marítima” para nominá-la, ela define o estudo do passado de todos os espaços com água, sejam mares, lagos, rios, das relações dos seres humanos com os ambientes aquáticos, assim como as embarcações, portos, mitos etc. (DELGADO, 1997: 66; MCGRAIL, 1998: 1 apud BLOT, 1999: 46; RAMBELLI, 2003; BAVA DE CAMARGO, 2008: 54; DURAN, 2008: 83-94).

Como existem também outras disciplinas arqueológicas relacionadas com o estudo da cultura material associada com a água (Arqueologia náutica, portuária), foi pensado como uma alternativa, o uso do termo “Arqueologia de Ambientes Aquáticos”, cuja discussão tem o objetivo de juntar as Arqueologias realizadas com (1) artefatos submersos, (2) periféricos à água ou (3) que possuam alguma ligação com todo e qualquer tipo de ambiente aquático (RAMBELLI, 2003; DURAN, 2008: 83-94). Esses três exemplos são facilmente encontrados no contexto da antiguidade egípcia.

Egito: uma civilização aquática

O Egito se constitui por uma extensa região cultivável que segue do eixo Sul ao Norte, banhada pelo Rio Nilo, desde a Primeira Catarata até o Mar Vermelho.

Entretanto, ela é cercada pelo árido Deserto do Saara em ambas as suas margens, o que limita o seu território nas extremidades. A grande cheia do Nilo ocorria uma vez a cada ano novo egípcio, iniciando o calendário que era dividido em três estações, com quatro meses cada uma (BAINES; MALEK, 2008: 14-5; GRIMAL, 2012: 49), onde:

1. **Akhet:** a primeira estação do ano era marcada pela inundação do Nilo que além de trazer a água em abundância, limpava a terra fertilizando-a com camadas de sedimentos férteis carregados ao longo da jornada do Nilo desde as suas fontes.
2. **Peret:** segunda estação e momento em que as águas do Nilo começam a baixar, deixando o espaço para o plantio.
3. **Shemu:** terceira estação e época reservada para as colheitas e estocagem de grãos.

Por outro lado temos a paisagem desértica, tema também de bastante importância para essas antigas comunidades. Entretanto, como antagonista das áreas cultiváveis, ou seja, próximas à água. Essas paisagens secas ao longo do faraônico, em vários momentos foram associadas com pragas, o estrangeiro, o desconhecido, a má sorte e a morte (LESKO, 2002: 113; DAVID, 2011: 34-5). Provavelmente foi essa dicotomia — entre a água e o deserto — e a grande necessidade que as comunidades egípcias possuíam de acompanhar o ritmo de cheias do Nilo que influenciou vários aspectos da política e religião egípcia, onde a água e os animais, as plantas e os artefatos relacionados com ela tinham um espaço especial, tanto em rituais sagrados, como nos cotidianos. Um simples exemplo é o mito da Grande Contenda, onde estão as figuras dos deuses Hórus e Seth batalhando pelo trono do Egito: a lenda tem como um dos pontos centrais o ódio de Seth, um dos quatro filhos dos deuses Geb e Nuit, que era ávido pelo poder. Entretanto, ele não poderia ser o rei do Egito, já que a coroa fora dada aos seus irmãos mais velhos, o casal Osíris e Isís. Seth, então, arquitetou o assassinato de Osíris prendendo o próprio irmão em um ataúde e jogando-o no Nilo para ele se afogar. Isís quando descobre o crime, resgata o caixão, que por sua vez é encontrado pelo assassino que profana o corpo do deus morto, cortando-o em vários pedaços e o espalha por todo o Egito (BARD, 1999: 662; GRIMAL, 2012: 41). De acordo com Lesko, essa era uma explicação etiológica para apontar o porquê da

escolha da localização de alguns centros de culto egípcios. A ideia é que nos locais onde cada membro estacionou, teria sido erigido um templo (LESKO, 2002: 113).

Ainda de acordo com o mito, Isis sai em uma jornada para recuperar as partes desmembradas, e com a ajuda da sua irmã, e esposa de Seth, Neftís, reúne os pedaços com ataduras — criando assim a primeira múmia — e lhe devolve a vida (GRIMAL, 2012: 41). Em um momento icônico, a deusa se transforma em uma ave e pratica o coito com o seu marido recém-ressuscitado, engravidando assim de Hórus, o novo herdeiro do Egito, mas, que para ter o seu trono, deve enfrentar o seu tio em vários desafios (LESKO, 2002: 113; BAINES; MALEK, 2008: 215; DAVID, 2011: 51). Os elementos Osíris, Isis, Hórus e Seth têm uma forte ligação com a dicotomia entre os ambientes aquáticos *versus* o deserto, onde o primeiro é representado pelo o semimorto Osíris, que se torna o deus da fecundidade e da agricultura, e o segundo por Seth, o deus colérico e estéril (LESKO, 2002: 142). Isis, além de protetora do trono, é ligada com a chegada das cheias do Nilo (ela é associada com a estrela Sírius, que aparecia no céu egípcio justamente na mesma época em que as enchentes estavam para começar) e Hórus é a imagem do rei. Por isso os faraós eram chamados de Hórus, quando vivos, e quando morriam, tornavam-se Osíris (DAVID, 2011: 103-114; GRIMAL, 2012: 41-44).

Além desses três deuses, outras divindades diferentes foram assimiladas de alguma forma com a água, tais como Hapi (responsável por liberar a enchente do Nilo), Khnun (deus da inundação anual e patrono da Primeira Catarata), Heqet, Tauret, Sobek (os três representando a fertilidade) (Quadro 1) e Rá (deus criador) (BRESCIANI, 2005: 199; SILIOTTI, 2006: 279; BAINES; MALEK, 2008: 212-214; DAVID, 2011: 528-540). Esse último contém um importante papel na carga simbólica associada com a água, uma vez que de acordo com alguns dos principais mitos da criação egípcia, ele nasceu dela, mais especificamente do *Nun*, as “águas primordiais”, dando início assim à criação do universo (LESKO, 2002: 112-115; GRIMAL, 2012: 40). Grimal (2012) aponta a existência de três versões de mitos da criação e apesar de algumas divergências, todos têm como foco o surgimento do mundo no *Nun*. De acordo com o mais popular, surgido na cidade de “Iunu” (“Heliópolis”, para os gregos), situada no Baixo Egito, antes da criação só existia o mar primordial, totalmente silencioso e quieto, e do seu interior surgiu uma flor de lótus que ao se abrir, revelou o deus Atum (BAINES; MALEK, 2008: 215; DAVID, 2011: 118-121; GRIMAL, 2012: 42).

Ainda de acordo com o mito heliopolitano, foi o *Ba de Rá* (uma das formas de Atum), a ave *Benu*, que quebrou o silêncio do *Nun* com o seu grito. Esse animal mítico que representava a ressurreição e imortalidade — o que o levou a ser tomado por parte de alguns pesquisadores como o inspirador para a criação da fênix grega, embora não existam provas para tal afirmação — era representado na iconografia pela garça-real, animal o qual, com a chegada da inundação anual, se posicionava nas águas rasas do Nilo e soltava grunhidos (LESKO, 2002: 116; CÉSAR, 2009: 135). Provavelmente foi esse hábito que inspirou a sua associação com o primeiro som do universo.

O Rio Nilo não serviu unicamente como um espaço para a captação de recursos (pescaria, água para o consumo, coleta de papiro etc.), mas como um grande fator para a orientação espacial não só física, mas simbólica: como as correntes saem do Sul em direção ao Norte, era dessa forma que as comunidades egípcias se situavam espacialmente; e no aspecto simbólico a margem leste do Nilo era considerada como o mundo dos vivos e o lado oeste dos mortos, embora esse fosse abitado.

Em outro aspecto, o físico e o simbólico se unem: em uma sociedade que agregou importância aos ambientes aquáticos, as embarcações em seus variados modelos tiveram um grande destaque não somente no transporte pela grande hidrovia que era e continua sendo o Rio Nilo, uma vez que as bigas eram empregadas em guerras, caçadas e desfiles praticados por membros da eliteⁱⁱ (MARINE; HAGEN, 1999: 20; WILDUNG, 2009: 146); mas utilizadas como o meio de transporte para o mundo dos mortos ou dos deuses, uma vez que a crença ditava que esses lugares também eram compostos por água, como é o mundo dos vivos (LESKO, 2002: 121). Somado a isso, de acordo com a crença, o deus sol Rá utilizava uma embarcação para cruzar o céu, realizando assim a passagem do dia sob a forma de Khepri como o sol da manhã, Rá, o do meio dia, e Atum, o do final da tarde, indo para o crepúsculo (WILDUNG, 2009: 148; DAVID, 2011: 89). Foi acreditando nisso que famílias de falecidos influentes sepultaram dentro ou nas proximidades de suas tumbas partes de embarcações ou embarcações propriamente ditas para realizar sua jornada pelo além-vida (DAVID, 2011: 112; GRIMAL, 2012: 129).

Os barcos egípcios são definidos como embarcações fluviais (em contraste com os navios de mar). Seu uso, desde o pré-dinástico até e além do fim do Período

Faraônico, incluíram transportes, pescarias, viagens, uso religioso e militar. Dependendo do tamanho e função, eram feitos de papiro — que poderiam levar uma ou duas pessoas —, ou de madeira — que transportavam várias pessoas ou objetos pesados, a exemplo de grandes blocos de calcário, para construção ou mesmo obeliscos — (VINSON, 2013; 1-2).

Tais embarcações podem ser divididas entre cerimoniais/oficiais e de trabalho. Na primeira, podemos incluir aquelas chamadas de *wj3*, que possuíam um caráter divino. Esteticamente, eram de casco longo, curvo e estreito, com um poste em sua proa, fazendo uma alusão às jangadas de papiro, cuja proa é amarrada. Um exemplo de embarcação *wj3* é a barca funerária do faraó Khufu (VINSON, 2013: 2), que foi removida de um fosso escondido ao lado da pirâmide do mesmo. Ela foi descoberta em 1954 durante uma limpeza de rotina próxima à pirâmide. A escavação do espaço foi realizada pelo arqueólogo egípcio Kamal El Mallakh, e na ocasião foram encontrados dois fossos feitos de pedra calcária que guardavam, cada um, peças desmontadas de embarcações. Foi decidido remontar a maior delas, e para a tarefa, foi escolhido o restaurador egípcio Hag Ahmed Youssef Moustafa, que trabalhou com as mais de 1.200 peças de madeira de cedro, além de esteiras de junco e cordas de linho (O'CONNOR et al., 2007: 61-2). Como não existiam registros egípcios de técnicas de construção de embarcações, principalmente uma tão grande como aquela, a equipe de Moustafa precisou iniciar e reiniciar o processo de montagem quatro vezes, até que um dos auxiliares notasse que as peças que se encaixavam perfeitamente possuíam símbolos comuns, como se fossem guias. Por fim, o trabalho de restauração e remontagem levou dezesseis anos. Acerca do seu uso Moustafa considerou que a embarcação pode ter transportado o corpo do faraó Khufu de Mênfis para Giza durante o seu cortejo funerário e, no final, como uma relíquia sagrada, foi guardada próximo a sua sepultura (O'CONNOR et al., 2007: 64-5).

O segundo tipo de embarcações, a de trabalho, poderiam ser encontradas em variados tamanhos, geralmente com uma grande borda-livre e foram mais comuns que as barcas cerimoniais. Podemos ver modelos desse tipo de embarcação em maquetes do Médio Império ou em iconografias, principalmente as que retratam a vida cotidiana, onde elas são representadas realizando o transporte de grandes cargas (DAVID, 2011: 45; VINSON, 2013: 2).

Mas as embarcações não são a única alternativa de estudo da cultura material para a Arqueologia de Ambientes Aquáticos. Outros tipos de artefatos e mesmo estruturas arquitetônicas podem entrar em foco no estudo. Por exemplo, as plantas aquáticas que foram encaixadas constantemente em vários elementos arquiteturais e objetos cotidianos, não somente com um interesse estético, mas para passar uma mensagem tais como as colunas com capitéis papiriformes e flores de lótus nos cimos de alguns túmulos (WILDUNG, 2009: 12). Um exemplo mais específico é o pátio de Ramsés II, em Luxor, com suas 74 colunas com temas de plantas aquáticas, representando os pântanos da criação, e no templo de Seti II, em Abidos, onde existe uma “sala-ilha” em que foi feita uma recriação do *Nun*, onde foram cultivadas cevadas para representar a ressurreição de Osíris (BAINES; MALEK, 2008: 87; WILDUNG, 2009: 16).

Os estudos do culto aos animais também podem dar a sua contribuição. Alguns dos que tinham *status* divino habitam o meio aquático e, por isso, ganharam simbolismos relacionados com algumas características relacionados com a água durante o faraônico:

Quadro 1: Animais sagrados e sua ligação com os ambientes aquáticos

Animal	Animal mítico ou divindade	Associação com a água
A garça-real	Benu	A analogia do seu canto no <i>Nun</i> com os cantos da garça-real no Nilo foi o que tornou esse animal especial (LESKO, 2002; CÉSAR, 2009: 135).
Íbis	Thot	Thot era o deus patrono dos escribas. A bibliografia sugere que a escolha do íbis como seu animal representante tem relação com o mergulho do bico desta ave na água, que lembraria o mergulho do pincel na tinta (KESSLER;

		NUR EL-DIN, 2005: 127-130; NICHOLSON, 2005: 45).
Hipopótamo	Tauret	Era representada com o corpo de um hipopótamo fêmea, garras de felídeo e rabo de crocodilo. Essa era a divindade protetora das gestantes e da fecundidade (BAINES; MALEK, 2008: 214; DAVID, 2011: 540).
Rã/sapo	Heket	Heket era uma deusa primordial e protetora do parto e tinha a forma de um sapo/rã, animais aos quais foram atribuídos valores regenerativos. A regeneração e a fecundidade assimiladas a eles têm a ver com o costume destes em por seus ovos nas margens dos rios, onde, de acordo com a interpretação egípcia, surgiriam espontaneamente (BRANCAGLION JUNIOR, 2001: 92).
Crocodilo	Sobek	Representado por um crocodilo ou um homem com cabeça de crocodilo, era tido como “A Bela Face do Lago”. Sua importância estava no fato de ser um animal que poderia viver tanto na terra como na água e estar ligado

ao deus Osíris, divindades solares e ao próprio Rio Nilo. Era também uma divindade voltada para a fertilidade. Tamanha era a sua importância, que muitos desses animais chegaram a ser mumificados (BRESCIANI, 2005: 202).

Entretanto, de todos os animais, justamente os peixes, cujo habitat em tempo integral é a água, ironicamente não representaram de forma especial nenhuma divindade, embora na iconografia o deus Amon possa ser encontrado com um peixe no lugar de sua cabeça (SILIOTTI, 2006: 279) e na província de Per-Medjed (Oxirrinci), localizada no atualmente chamado de canal Bahr Yussef, a caminho de Fayum, durante o período Greco-Romano ter existido um culto local para o peixe *Mormyrus* (BAINES; MALEK, 2008: 129-131). Porém, em anos anteriores, nos Períodos Tardios, foi considerado abominável o faraó consumir estes animais (DIEGUES, 1998: 25-6; TALLET, 2006: 41). Entretanto, ao longo de todo o período faraônico, práticas de pescaria eram comuns e é possível ter uma ideia de como eram realizadas essas atividades através dos registros pictográficos encontrados em tumbas, como na de Ti (Antigo Reino) em Saqqara (STROUHAL, 2007: 122).

Outro animal, cujo consumo foi abominado — embora fosse utilizado como alimento, especialmente no Reino Antigo —, foi a tartaruga, uma vez que entre as sociedades egípcias, ela era vista como um tipo de peixe (FISCHER, 1968: 6).

Esse respeito, porém, e grandes cargas simbólicas não se resumiram à água. Eles se estenderam para outros tipos de líquidos. Muitos rituais litúrgicos possuem uma longa tradição textual que remontam ao Antigo Reino, mas outros pertencentes a uma maioria bem preservada são advindos de templos do período Greco-Romano. É através dessa cultura escrita que sabemos que os rituais relacionados com o uso de líquidos alcançou uma grande proporção. As bebidas utilizadas eram o vinho, o leite, a cerveja e a própria água. Cada um com o seu próprio ritual e todos escolhidos devido à sua natureza considerada mística, dada a alguma relação com a inundação do Nilo (POO, 2010: 1).

O vinho era uma bebida que agradava às divindades, sendo oferecido para a deusa Sekhmet e ganhando associações mitológicas com Osíris, que foi mencionado como o “Senhor dos Vinhos e do Festival Wag”, festividade que era celebrada no início da inundação e que provavelmente objetivou a celebração da ressurreição da vida que era trazida pelas cheias. Já a cerveja, ao contrário do vinho, era mais intimamente relacionada com as divindades, que eram enfatizadas durante o seu preparo. O leite, cuja propriedade de nutrição já era bem conhecida, era frequentemente oferecido ao deus Harpócrates, Hathor e Osíris, visando o rejuvenescimento e a purificação (POO, 2010: 2-4).

Entretanto, entre todos esses líquidos o que teve o maior destaque foi a própria água. Ela era utilizada durante os rituais de limpeza espiritual, que provavelmente eram feitos antes de qualquer programa religioso diário, purificando não somente os sacerdotes, mas o terreno do templo, os próprios frascos usados na libação e mesmo as estátuas dos deuses. Ela poderia também ser oferecida para ser bebida pelas divindades, como um reconhecimento simbólico do poder rejuvenescedor do Nilo, e iniciando a purificação do interior para o exterior (POO, 2010: 4-5).

Considerações finais

Os seres humanos, desde sempre, têm interagido com o ambiente aquático, o que denota a necessidade de a Arqueologia de Ambientes Aquáticos ser estudada por diferentes abordagens metodológicas. Contudo, apesar dos pontos apresentados ao longo desse artigo, os artefatos aquáticos, ou mesmo o lado simbólico da água, são tratados como casos excepcionais. Ou seja, embora o Egito seja um país fluvial, as pesquisas de Arqueologia tendem a apresentar uma visão terrestre do passado, enquanto os ambientes aquáticos são observados como um espaço para a subsistência, embora seja complexa a relação entre humanos e a água.

O estudo do antigo Egito sob a égide da Arqueologia ocorre no país há cerca de dois séculos, recebendo a contribuição de centenas de pesquisadores das mais variadas áreas de atuação. Entretanto, o desenvolvimento das Arqueologias relacionadas com os ambientes aquáticos caminha ainda a passos curtos. Desta forma, espera-se que à medida que a formação de profissionais na área aumente e

a sociedade científica esteja mais sensível ao tema, seja possível existir cada vez mais um amplo espaço para interpretações do passado.

REFERÊNCIAS

- BAINES, J. *Deuses, templos e faraós: Atlas cultural do Antigo Egito*. Tradução de Francisco Manhães, Maria Julia Braga, Michael Teixeira, Carlos Nougué. Barcelona: Ed. Folio, 2008.
- BAVA DE CAMARGO, P. F. "Portos e mais portos: Arqueologia marítima de Cananéia (SP)". In.: *Navigator*, v. 4, p. 83-98, 2008.
- BLOT, J. "O mar de Keith Muckelroy: o papel da teoria da arqueologia no mundo náutico". In.: *Al-Madan, Almada, Centro de Arqueologia*, Série 2, n. 8, p. 41-55, 1999.
- BRANCAGLION Jr., Antonio. *Tempo, material e permanência: o Egito na coleção Eva Klabin Rapaport*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra – Fundação Eva Klabin Rapaport, 2001.
- BRESCIANI, E. "Sobek, Lord of the Land of the Lake". In.: IKRAM, S. *Divine Creatures*. Cairo: The American University in Cairo, 2005.
- CÉSAR, M. B. *O escaravelho-coração nas práticas e rituais funerários do antigo Egito*. 2009. 145 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- DARNELL, J. "Opet Festival". In.: DIELEMAN, Jacco; WENDRICH, Willeke; FROOD, Elizabeth; BAINES, John. *UCLA Encyclopedia of Egyptology*, 2010.
- DAVID, R. *Religião e Magia no Antigo Egito*. Tradução de Angela Machado. Rio de Janeiro: Ed. Difel, 2011.
- DELGADO, J. *Encyclopedia of Underwater and Maritime Archaeology*. London: British Museum, 1996.
- DIEGUES, A. C. *Ilhas e mares: o simbolismo e imaginário*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1998.
- DODSON, A. *As Pirâmides do Antigo Império*. Tradução de Francisco Manhães, Maria Julia Braga, Carlos Nougué. Barcelona: Ed. Folio, 2007.
- DURAN, L. D. *Arqueologia Marítima de um Bom Abrigo*. 2008. 338 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

- FISCHER, H. *Ancient Egyptian Representations of Turtles*. New York: The Metropolitan Museum of Art, 1968.
- GRIMAL, N. *História do Egito Antigo*. Tradução Elza Marques Lisboa de Freitas. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2012.
- IKRAM, S. “Divine Creatures”. In: IKRAM, Salima. *Divine Creatures: Animal Mummies in Ancient Egypt*. Cairo: The American University in Cairo, 2005.
- KEMP, B. *El Antiguo Egipto: Anatomía de una civilización*. Tradução de Mònica Tusell. Barcelona: Ed. Crítica, 1996.
- KHALIL, E. *Education in Maritime Archaeology: The Egyptian Case Study*. Journal of Maritime Archaeology. v. 3, n. 2, p. 85–91, 2008.
- KESSLER, D.; NUR EL-DIN, A. “Tuna al-Gebel: Millions of Ibises and Other Animals”. In: IKRAM, Salima. *Divine Creatures: Animal Mummies in Ancient Egypt*. Cairo: The American University in Cairo, 2005.
- LESKO, L. “Cosmogonias e Cosmologia do Egito Antigo”. In: SHAFER, Byron. *As religiões no antigo Egito*. Tradução de Luis Krausz. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- MARIE, R; HAGEN, R. *Egipto*. Tradução de Maria da Graça Crespo. Lisboa: Ed. Taschen, 1999.
- NICHOLSON, P. “The Sacred Animal Necropolis at North Saqqara: The Cults and Their Catacombs”. In: IKRAM, S. *Divine Creatures*. Cairo: The American University in Cairo, 2005.
- O’CONNOR, D.; FORBES, D.; LEHNER, M. *Grandes civilizações do passado: terra de faraós*. Tradução de Francisco Manhães. 1ª Edição. Barcelona: Ed. Folio, 2007.
- POO, M. “Liquids in Temple Ritual”. In DIELEMAN, Jacco; WENDRICH, Willeke; FROOD, Elizabeth; BAINES, John. *UCLA Encyclopedia of Egyptology*, 2010.
- RAMBELLI, G. *Arqueologia até debaixo d’água*. São Paulo: Ed. Maranta, 2002.
- RAMBELLI, G. *Arqueologia Subaquática do Baixo Vale do Ribeira*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- SILVERMAN, D. “O Divino e as divindades no antigo Egito”. In: SHAFER, B.; BAINES, J.; LESKO, L.; SILVERMAN, D. *As religiões no antigo Egito*. Tradução de Luis Krausz. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

STROUHAL, E. *A vida no Antigo Egito*. Tradução de Iara Freiberg, Francisco Manhães, Marcelo Neves. Barcelona: Ed. Folio, 2007.

TALLET, P. *A culinária no Antigo Egito*. Tradução de Francisco Manhães, Maria Júlia Braga, Joana Bergman. Barcelona: Ed. Folio, 2006.

WILDUNG, D. *O Egito: da pré-história aos romanos*. Tradução de Maria Filomena Duarte. Lisboa: Ed. Taschen, 2009.

VINSON, S. "Boats (Use of)". In DIELEMAN, Jacco; WENDRICH, Willeke; FROOD, Elizabeth; BAINES, John. *UCLA Encyclopedia of Egyptology*, 2013.

NOTAS

ⁱ Bacharela e Mestra em Arqueologia pela Universidade Federal de Sergipe com especialização em Arqueologia de Ambientes Aquáticos aplicada ao Egito Antigo. Pesquisadora associada ao Laboratório de Arqueologia de Ambientes Aquáticos da Universidade Federal de Sergipe (LAAA-UFS); marcia_jamille@yahoo.com.br; sitearqueologiaegipcia@gmail.com.

ⁱⁱ Para o deslocamento de pessoas ou produtos em terra eram utilizados burros ou carros de rojo.